

UNIÕES PREMATURAS

Estratégia de combate deve ser melhorada

Notícias, Nacional, 12.05.2018, p. 06, ed 30.358

**AZARA CHIMBWA
E ENI PRISCILA**

A ESTRATÉGIA de luta e os conteúdos das mensagens veiculadas nos esforços para o combate às uniões prematuras devem ser refinadas para produzir resultados concretos, com vista a alterar o cenário actual.

A observação foi feita quarta-feira, em Quelimane, Zambézia, por Dulce Passades, docente da Universidade Pedagógica, durante a conferência provincial subordinado ao tema "Partilha de Boas Práticas na Educação da Rapariga", que reuniu na mesma sala organizações da sociedade civil, Governo e parceiros de cooperação nacionais e estrangeiros.

Segundo a pesquisadora, apesar de vários segmentos sociais e políticos erguerem a sua voz contra as uniões prematuras, há cada vez maior número de raparigas que se casam pre-

cocemente, comprometendo a sua formação escolar, perpetuando, deste modo, a pobreza.

De acordo ainda com Passades, os números revelados pelas pesquisas sobre o assunto são alarmantes e carecem de uma resposta bem estruturada, através, por exemplo, da concessão de bolsas de estudo, criação de círculos de interesse nos bairros e estabelecimentos de ensino, e o desenho de perspectivas de integração profissional após a formação, entre outros incentivos.

Apesar de o Governo e parceiros de cooperação estarem a intensificar as campanhas de combate à desistência da rapariga na escola, principalmente, na zona rural, parece que as medidas não estão a dar resultados.

Dados apurados pelo "Notícias", durante o seminário, indicam que nos últimos três anos mais de 183 raparigas desistiram

de frequentar as aulas na Zambézia, devido a uniões prematuras, gravidez indesejada e ritos de iniciação.

No triénio 2007-2009, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística, metade das raparigas matriculadas no ensino primário não concluíram a 5ª classe e apenas 11 por cento continuaram os estudos até ao ensino secundário e 1 por cento até ao ensino superior.

A situação da rapariga na Zambézia, segundo ainda dados do Instituto Nacional de Estatística, 21 por cento das mulheres eram analfabetas na província da Zambézia e 57 por cento homens eram alfabetizados, em 2007, o que mostra claramente que o fosso entre mulheres e homens que tiveram acesso à educação formal continua ainda grande.

Para contrariar este fenómeno, a Associação Moçambicana de Mulheres na Educação

(AMME), organizações da sociedade civil e instituições de ensino superior estão a preparar um plano de resposta. O seminário que teve lugar esta semana na capital provincial da Zambézia visava discutir estratégias de melhorar a intervenção para a eliminação de uniões prematuras.

Na conferência, Passades anunciou a realização de palestras em todos os distritos da província para dar a conhecer aos familiares das raparigas e as comunidades sobre os riscos de as mesmas casarem muito cedo.

"Uma rapariga com 12 ou 15 anos não está preparada biologicamente e nem está em condições de assumir as responsabilidades do lar", disse.

Nos centros urbanos, para além das uniões prematuras, há o fenómeno da rapariga estudar no curso nocturno, tornando-se vulnerável ao risco de se envolver em namoros.

A AMME (Associação Moçambicana da Mulher e Educação) é uma Organização Não-Governamental (ONG) nacional, sem fins lucrativos, criada, em Maputo, por um grupo de 10 professoras, em 1995. Em 1997, a associação expandiu-se para a província da Zambézia, onde definiu como grupo-alvo a mulher docente do ensino primário.

Esta associação tem como objectivo ajudar crianças, cujas famílias não têm condições financeiras para a sua manutenção na escola, dando-lhes bolsas de estudo que ajudam a ter uma parte das suas necessidades básicas cobertas.

Para além da UP, a AMME colaborou nesta conferência com vários parceiros, tais como a Right to Play, Agir, Íbis, Oxfam, Visão Mundial e Ogunmanha, e o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano.